

HYGINO AMANAJÁS: NOTAS BIOGRÁFICAS DE UM INTELLECTUAL PARAENSE

Hygino Amanajás: biographical notes on an intellectual from Pará

Hygino Amanajás: notas biográficas sobre un intelectual paraense

Benedita Luvinda da Silva Almeida - UFPA*
Karla Nazareth Corrêa de Almeida - UFPA**
Wilson da Costa Barroso - UFPA***
Iza Andrielle Batista Duarte Madeira – UFPA****

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a constituição do sujeito Hygino Amanajás enquanto intelectual orgânico das camadas dominantes da sociedade paraense, além de produtor de conteúdos didáticos significativos no campo dos saberes escolares. Desse modo, buscamos responder essa questão através de uma investigação de caráter histórico educacional, pautada na pesquisa documental e bibliográfica. A metodologia da pesquisa foi desenvolvida com o levantamento das fontes referentes a Hygino, privilegiando os jornais de época e documentos oficiais. Para o tratamento dessas fontes utilizamos a análise de conteúdo. Concluimos que, Hygino Amanajás foi um sujeito influente em seu tempo, como pai de família, político, jornalista, funcionário público, educador e autor de livros didáticos. Personagem este que passa de pouco ou quase nada conhecido na história da educação paraense para intelectual orgânico e de relevância nos primeiros anos da República no Pará

Palavras-chave: Hygino Amanajás. Biografia. Primeira República paraense.

Abstract: This article aims to analyze the constitution of the subject Hygino Amanajás as an organic intellectual of the dominant layers of Pará's society, as well as a producer of significant didactic content in the field of school knowledge. In this way, we sought to answer this question through an investigation of a historical educational nature, based on documentary and bibliographic research. The methodology of the research was developed with a survey of sources related to Hygino, focusing on newspapers of the time and official documents. To treat these sources, we used content analysis. We conclude that Hygino Amanajás was an influential subject in his time, as a family father, politician, journalist, public servant, educator, and textbook author. He went from being little known or almost unknown in the history of Paraense education to being an organic and relevant intellectual in the first years of the Republic in Pará.

Keywords: Hygino Amanajás. Biography. First Republic of Pará.

Resumen: Este artículo pretende analizar la constitución del sujeto Hygino Amanajás como intelectual orgánico de las capas dominantes de la sociedad paraense, así como productor de contenidos didáticos significativos en el campo del conocimiento escolar. De este modo, intentamos responder a esta pregunta a través de una investigación de carácter educativo

*Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2020). Graduanda do curso de Museologia da Universidade Federal do Pará. E-mail: b.luvinda@gmail.com

**Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2017). Professora Associada II da Universidade Federal do Pará e líder do Grupo de Estudos em Educação no Pará na Primeira República (GEPRE/ICED). E-mail: kalmeida@ufpa.br

***Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (1990) e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Pará (2005). Realiza o curso de Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia. E-mail: wbarroso.educa@gmail.com

****Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB), do Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica (NEB) da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: iza_abduarte@hotmail.com

histórico, basada en la investigación documental y bibliográfica. La metodología de la investigación se desarrolló con un estudio de las fuentes relacionadas con Hygino, centrándose en los periódicos de la época y en los documentos oficiales. Para el tratamiento de estas fuentes hemos utilizado el análisis de contenido. Concluimos que Hygino Amanajás fue un sujeto influyente en su época, como padre de familia, político, periodista, funcionario, educador y autor de libros didácticos. Pasó de ser poco conocido o casi desconocido en la historia de la educación paraense a ser un intelectual orgánico y relevante en los primeros años de la República en Pará.

Palabras-clave: Hygino Amanajás. Biografía. Primera República de Pará.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi decorrente do nosso interesse por visibilizar o intelectual paraense Hygino Amanajás enquanto sujeito inerente das camadas dominantes da sociedade paraense, no período da instituição da Primeira República no Pará, e criador de conteúdos didáticos significativos no campo da educação escolar.

Desse modo, problematizamos não as obras em si de Hygino Amanajás, mas sua formação como sujeito social. Consequentemente, nos propomos em responder a seguinte questão: quem foi o sujeito Hygino Amanajás para educação na Primeira República? Logo, nosso objetivo é analisar a constituição do sujeito Hygino Amanajás enquanto intelectual orgânico das camadas dominantes da sociedade paraense, além de produtor de conteúdos didáticos significativos no campo dos saberes escolares.

Nossa metodologia é de caráter histórico educacional, pautada na pesquisa documental e biográfica, na qual utilizamos publicações da imprensa da época, como jornais e documentos oficiais do governo (relatórios, mensagem dos governadores, legislações). Além dessas fontes documentais, utilizamos fontes bibliográficas que abordam a questão dos intelectuais, a educação e a escola na Primeira República no Pará. A coleta das fontes primárias do período em questão, a princípio, foi feita no *site* da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital com o descritor “Hygino Amanajás”. Encontramos notícias sobre ele em 12 jornais, com 267 ocorrências. Dando continuidade às pesquisas e usando o descritor “H.A.C. Amanajás”, foi ampliada a busca em mais 14 jornais com 1.753 ocorrências mencionando os Amanajás, das quais tivemos que separar as que diziam respeito apenas a Hygino Amanajás.

Além da pesquisa no *site* da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital, também utilizamos dados do acervo digital e material da Biblioteca Arthur Viana e também estivemos no Centro de Memória da Amazônia – Universidade Federal do Pará (UFPA), onde tivemos acesso ao inventário da primeira esposa de Hygino, D. Thereza Amanajás e ao testamento de Hygino Amanajás. Por último, fomos até o Museu da UFPA onde encontramos a obra *Contos e Lendas Paraenses*.

Além da realização do trabalho de análise das fontes textuais se pautou na perspectiva da análise de conteúdo conforme Bardin (1977) que compreende esse processo como

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. [...] Para completar a definição, falta-nos delimitar o seu campo de ação em comparação com as ciências conexas. Há duas práticas científicas intimamente ligadas à análise de conteúdo, quer pela identidade do objeto, quer pela proximidade metodológica: a linguística e as técnicas documentais. (BARDIN, 1977, p. 42-43).

Tal abordagem mencionada adota por meio das técnicas propostas para a análise sobre a caracterização do sujeito Hygino Amanajás, em um contexto de ruptura de forma de governo, no fim do século XIX ao alvorecer da República no Pará.

Dessa forma, os nossos estudos iniciais a respeito de Hygino Amanajás nos jornais nos dão indícios de um homem que usufruía de riquezas, poder e influências pertencendo, já por nascimento, a uma família abastada na freguesia de Abaeté e circunvizinhanças além de Belém, capital do Estado.

Figueiredo (2005), em seu artigo a respeito dos jornais paraenses que circularam entre 1822 e 1922, nos expõe como eles representavam as ideologias de políticos, famílias da elite nascente, clubes, instituições, partidos políticos, médicos, entre outros. O jornal tornou-se uma fonte rica com informações variadas, devido sua numerosa quantidade no Pará, principalmente durante o comércio áureo da borracha no mercado internacional.

A nossa base de estudos é a de Vera Hercília Faria Pacheco Borges, mais conhecida como: Vavy Pacheco Borges, que se dedica à biografia e à sua diversidade. Ao tratarmos de um texto de cunho biográfico cuja finalidade é utilizar fontes que revelam o sujeito em suas nuances, Vavy Pacheco Borges (2008) se pergunta:

Como se pesquisa a vida de um indivíduo? Por intermédio das "vozes" que nos chegam do passado, dos fragmentos de sua existência que ficaram registrados, ou seja, por meio das chamadas fontes documentais. Como "sem documentos não há História", os vestígios que encontramos em boa medida condicionam nossa ambição de investigação. (BORGES, 2008, p. 212).

A autora prossegue nos esclarecendo a respeito das variedades de biografias:

Há os mais diferentes tipos de biografia, desde um rápido (ou não) percurso da vida do biografado (às vezes, um político, um intelectual, um líder religioso, identificados em dicionários e enciclopédias no estilo mais tradicional, em geral em sequência cronológica, célebre, com datas importantes e indicando obras de apoio) até o tipo mais ambicioso, como "um mergulho na alma" do biografado, em geral narrado sob forma temática. (BORGES, 2008, p. 212-213).

Assim, existindo tipos de biografias distintas, Silva (2017) evidencia um dos esquemas utilizado pelo historiador Giovanni Lévi que define o tipo de biografia aqui utilizada, denominando-a.

Biografia e contexto: neste tipo a biografia preserva sua essência, porém dá ênfase ao contexto, o ambiente também é valorizado como fator capaz de caracterizar e explicar a trajetória do indivíduo em questão. O "contexto serve para preencher as lacunas documentais por meio de comparações com outras pessoas cuja vida

apresenta alguma analogia por esse ou aquele motivo, com a do personagem estudado". (SILVA, 2017, p. 3).

Borges (2008) explana também que escrever a respeito de um sujeito em seu contexto histórico requer uma compreensão das várias áreas perpassadas pela biografia, pois

Ao se ler sobre a biografia, percebe-se de imediato quantas áreas importantes da História se cruzam ou mesmo se confundem, quantos temas estão contidos ou próximos da biografia: a micro-história, os estudos de caso; a História oral, as histórias de vida; os trabalhos sobre vida cotidiana, sobre sensibilidade, sobre sociabilidade. Também a discussão sobre memória, sobre geração, sobre família, sobre gênero são de grande interesse para quem precisa entender uma vida individual. (BORGES, 2008, p. 215).

Em vista disso, na revisão bibliográfica que trata a respeito de Hygino Amanajás, encontraram-se resquícios de sua história pessoal. No entanto, os estudos destacam suas obras didáticas, sendo as informações referentes a ele apenas fragmentos, que não nos permitiam uma inteligibilidade de sua atuação como homem de seu tempo.

No artigo de Francisca Izabel Pereira Maciel e Kátia Gardênia Henrique da Rocha (2015), as autoras contextualizam o período histórico do Ciclo da Borracha e do Ensino Primário no Estado do Pará e a História da Leitura. O artigo traz uma pequena biografia a respeito de Hygino Amanajás e discutindo suas obras: Noções de Educação Cívica e Alma e Coração, apresentando elementos a respeito do processo de produção, disseminação e circulação das mesmas.

Wanessa Carla Rodrigues Cardoso (2015) tratou da produção nacional de livros ou manuais escolares, iniciados durante o Império e intensificados durante a República, com finalidades educativas e políticas, reiterando os valores e padronizando o modelo de sociedade pretendida. Neste contexto o livro Alma e Coração, de Hygino Amanajás (de 1900 e reeditado em 1905) foi comparado ao livro Apostilas de História do Pará, de Theodoro Braga (1917), sendo vistos como uma história ensinável, principalmente o Alma e Coração por apregoar nos alunos virtudes de cunho moral e religiosa, neste artigo há uma pequena biografia de Hygino Amanajás na nota de rodapé.

Maricilde Oliveira Coelho (2011) teve como objeto de análise o livro Alma e Coração, de Hygino Amanajás, onde a autora o contextualiza apresentando livros escolares do início do Século XIX e da República, citando o livro Através do Brasil, dos autores Olavo Bilac e Manoel Bonfim, de 1910, mas com destaque para o livro de Hygino Amanajás Alma e Coração (1900), devido este livro ter sido lançado bem antes da obra de Bilac e Bonfim.

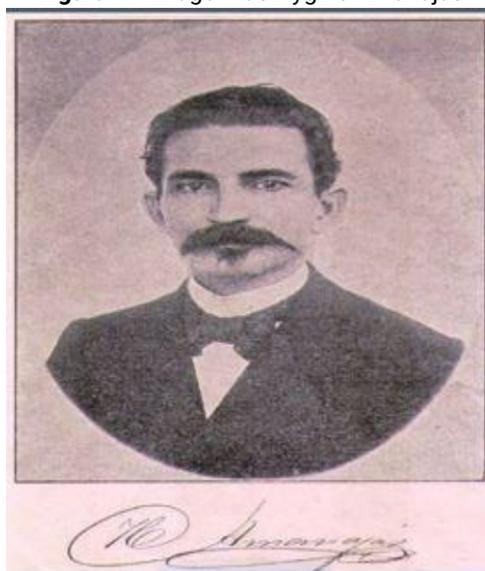
A nossa pesquisa diferenciou-se das demais por meio de fontes privilegiadas como os jornais da época, que nos mostraram um pouco sobre a figura de Hygino Amanajás. Com intuito de esclarecer quem foi esse homem que para muitos aparece apenas como um personagem de um tempo distante que teve uma influência cultural significativa ao tornar-se produtor de conteúdos didáticos para educação escolar republicana.

Desta forma, dividirmos em três eixos significativos que nos levam a percebermos nosso sujeito tanto no âmbito de sua vida privada quanto no âmbito de sua vida pública, que se interrelacionam. Visamos compreendê-lo como sujeito de elite de sua época, que tinha uma participação ativa no cenário político estadual e ainda produzia conteúdos escolares para serem disseminados no âmbito escolar a qual ainda estava em desenvolvimento.

Assim, apresentamos na primeira seção o Hygino Amanajás com a narração de seu percurso familiar. Na segunda seção, trataremos do início de sua vida como político, tarefa que assumiu durante muitos anos, sua caminhada pela imprensa como jornalista e como funcionário público. Na última seção, mostraremos o educador e escritor de livros didáticos articulando a figura de um intelectual orgânico atuante na sociedade paraense durante a Primeira República no Pará.

HYGINO AMANAJÁS E SUA FAMÍLIA

Figura 1 - Imagem de Hygino Amanajás



Fonte: Livro Noções de educação cívica (AMANAJÁS, 1898).

Hygino Antônio Cardoso Amanajás nasceu na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Abaeté, na Província do Pará, no dia 15 de junho de 1852 e faleceu em 17 de janeiro de 1921. Seus pais eram Antônio Hygino Cardoso Amanajásⁱ e Victória Maria da Silva Brabo Amanajás.

Segundo o Anuario de Belém de 1915 (ANUARIO..., 1915, p. 86), Hygino fez seus estudos primários em sua cidade natal e completou os estudos secundários no Seminário Episcopal do Pará em Belém, sob a direção de D. Antônio de Macedo Costa, na qual ainda em sua formação começou a colaborar no Semanário A Estrella do Norteⁱⁱ. No referido periódico (RESULTADO..., 1864, p. 6-7) registrava diversos assuntos de caráter religioso e sobre o Seminário, principalmente a publicação dos resultados dos exames dos seminaristas, na qual Hygino obteve aprovação em gramática francesaⁱⁱⁱ e latina.

Na infância, Hygino Amanajás aos nove anos de idade tornou-se um dos herdeiros do irmão de seu pai, o subdelegado da Vila de Muaná, Manoel Antônio Cardoso Amanajás. No entanto, dessa herança, de acordo com a notícia do jornal Treze de Maio (DESPACHOS, 1861, p. 2), que circulou em julho de 1861 foi cobrado à décima pela coletoria provincial da vila de Muaná. O que chama atenção nessa notícia é que quem aparece na qualidade de tutor e administrador da herança não era seu pai e sim o outro tio de Hygino Amanajás, o Thomaz de Oliveira Cardoso, que além de seu sobrinho menor, também representava seus dois filhos menores, Jacintho Lopes Tocantins e Thomaz Monteiro Cardoso Amanajás Tocantins. A partir dessa notícia, inferimos que o pai de Hygino Amanajás teria falecido ainda durante sua infância.

Portanto, a viuvez deve ter motivado Victória Maria da Silva Brabo Amanajás a se casar com o Coronel Antônio Francisco Corrêa Caripuna, viúvo de Maria do Carmo Rodrigues de Castilho, falecida em 1851. O Coronel Caripuna era pai de um total de doze filhos, sendo nove filhos com a falecida esposa e três do casamento com Victória Maria da Silva Brabo Caripuna, sendo eles: Victório Antônio Corrêa Caripuna, José Fleury Corrêa Caripuna e Antônio Francisco Corrêa Caripuna, irmãos de Hygino por parte de mãe.

De acordo com o Jornal do Pará (EXPEDIENTE..., 1868, p. 1), que publicou com o subtítulo "Portaria", na data de 13 de novembro de 1868, Hygino Antônio Cardoso Amanajás foi nomeado aos 16 anos, pelo Batalhão de Infantaria Nº 10 da Guarda Nacional de Abaeté, Guarda Qualificado da 5ª Companhia. E em 1869 já aos 17 anos, Hygino Amanajás foi promovido a Alferes da Guarda Nacional em Abaeté.

Entendemos que, mais ou menos entre 1868 e 1869, Hygino Amanajás casou-se em Abaeté com a filha do Coronel Caripuna, Thereza de Jesus Corrêa de Miranda, que assumiu o sobrenome do marido, tornando-se Thereza de Jesus Corrêa Amanajás, sendo ela um pouco mais velha do que ele. Como fruto deste casamento, Hygino teve três filhas: Maria Cardoso Amanajás, Izaura Cardoso Amanajás e Victória Maria Cardoso Amanajás. De acordo com Ângelo (2012), esses casamentos traziam para as famílias, no mínimo, prestígio social, assim como engenhos, terras e a conquista de cargos administrativos e militares no interior do Estado.

No entanto, no dia 31 de outubro de 1881, Thereza de Jesus Corrêa Amanajás, que se encontrava muito doente, faleceu em Belém, onde estava em tratamento. Sua morte foi noticiada nos jornais Diário de Notícias (OBITUÁRIO, 1881, p. 1) e A Constituição (ÓBITO, 1881, p. 1). Hygino Amanajás encontrava-se em Abaeté exercendo a função de Juiz de Paz, onde presidia a mesa das eleições para deputado à Assembleia Geral e sofreu um atentado durante as eleições deste dia. Portanto, temos a hipótese de que não houve tempo de chegar para o enterro de sua esposa, pois, de acordo com o jornal Diário de Notícias, Thereza faleceu e foi sepultada no mesmo dia, 31 de outubro de 1881. No dia seguinte, Hygino fez um agradecimento nesse mesmo jornal:

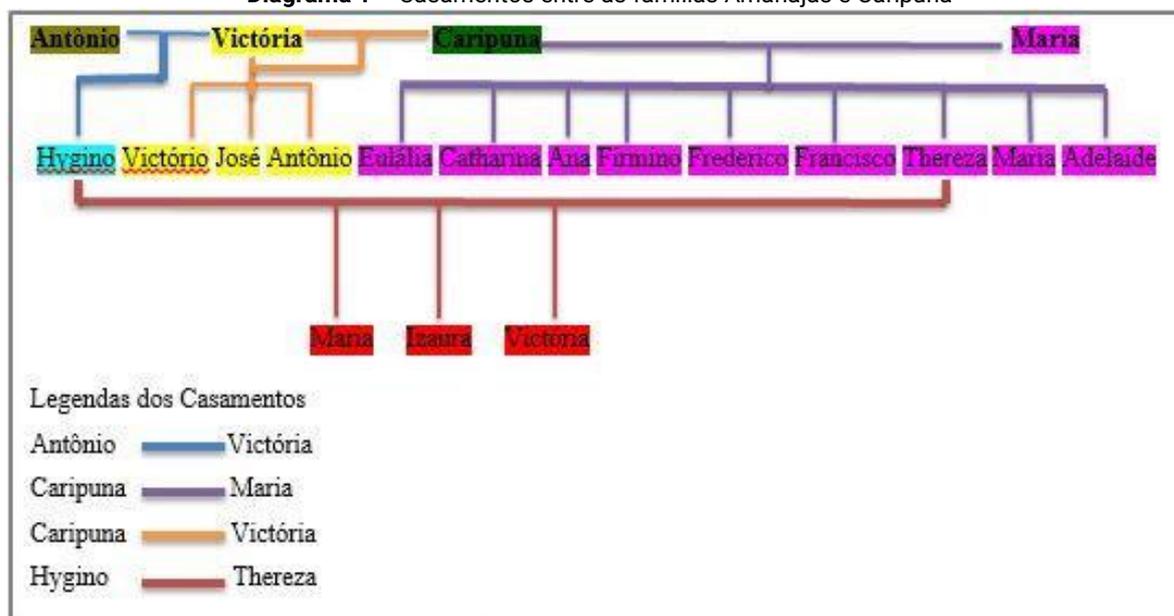
Figura 2 - Recorte do Jornal Diário de Notícias



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (SOLICITADOS, 1881, p. 1).

Para compreender melhor os casamentos entre as famílias Amanajás, Brabo e Caripuna, apresentaremos um diagrama:

Diagrama 1 – Casamentos entre as famílias Amanajás e Caripuna



Fonte: Elaborado pelos autores, com base (ÂNGELO, 2012) e (CENTRO..., 1921).

Passaram-se alguns anos para que Hygino Amanajás casasse novamente depois do falecimento de sua primeira esposa, em 1881; ele se casou novamente em 1885. Em uma nota na segunda página, do jornal O Monte-Alegrense (O QUE..., 1885, p. 2), cuja publicação era dominical, anunciou o casamento de Hygino A. C. Amanajás com a Nemezia Pereira Gonçalves Chaves, filha do capitão José Gonçalves Chaves, que passou a se chamar Nemezia Pereira Gonçalves Amanajás. Deste casamento nasceram seis filhos, sendo que um morreu com sete meses e um dia, sendo eles: Hygino Amanajás Filho; Eurico Gonçalves Amanajás; Renato Gonçalves Amanajás; Carmem Gonçalves Amanajás e Semíramis

Gonçalves Amanajás. A criança que morreu chamava-se Lincoln Amanajás. No jornal O Democrata (SECÇÃO..., 1893, p. 2) saiu uma nota sobre seu falecimento.

Em 14 de março de 1886, segundo os jornais Diário de Belém (ESCOLAS..., 1886, p. 3) e A Constituição (EXPEDIENTE..., 1886, p. 2), Rosa Clara Bella Soares e Nemezia Pereira Gonçalves Amanajás (grávida de sete meses de seu primogênito), substituiriam a normalista Maria Izabel de Aguiar Araújo, professora da escola elementar de Abaeté que iria reger a cadeira da cidade de Santarém durante um ano, enquanto esta estivesse de licença; as duas primeiras regeriam a escola de Abaeté.

O fato relevante nesta notícia foi de que Hygino Amanajás consentiu que sua esposa trabalhasse estando grávida. Essa era uma demonstração de modernidade em uma época na qual a mulher mal podia sair à rua, atitude que inclusive ia de encontro ao pensamento de seu padrinho D. Antônio de Macedo Costa que defendia que a “mulher dotada de instrução deveria usá-la de forma positiva na administração de seu lar e poderia passar pelo ridículo caso não soubesse conter seu talento” (DUARTE, 2015, p. 152).

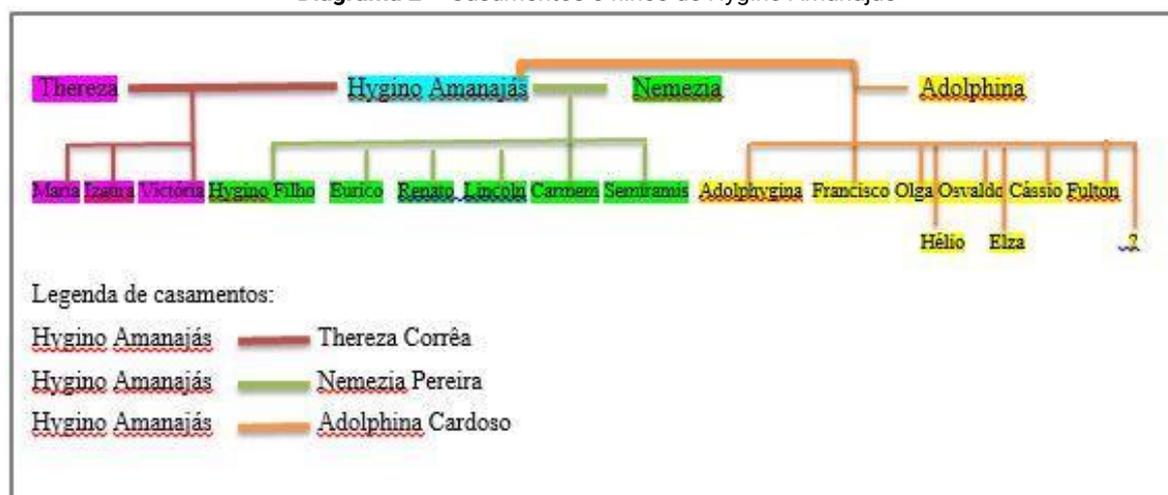
Infelizmente, após 13 anos de casamento, a Nemezia Amanajás veio a falecer no dia 20 de maio de 1898, com a idade de 32 anos, conforme o jornal O Pará (ENTERRO..., 1898, p. 2), que noticiou seu obituário, mas não diz a causa da morte. Compareceram ao seu enterro, segundo o referido jornal, amigos, parentes e os políticos como: Dr. Paes de Carvalho, Governador do Estado; Senador Antônio Lemos; desembargador Honsannah d’Oliveira; Dr. Cordeiro de Castro, intendente interino; Dr. João Coelho, presidente da Câmara dos Deputados; Dr. Antonio Chermont; os deputados Ayres Watrin, Cypriano Santos, Ignacio Cunha e Pinto Ribeiro, entre outros senhores.

Após um luto de no máximo três anos, Hygino Amanajás, com quase 50 anos, casou-se pela terceira e última vez com Adolphina Cardoso Amanajás. Conforme o testamento^{iv} de Hygino Amanajás, desta união foram gerados nove filhos, um veio a óbito. Os oito filhos chamavam-se: Adolphygina Cardoso Amanajás, Francisco Wan Dick Cardoso Amanajás, Olga Cardoso Amanajás, Osvaldo Cardoso Amanajás, Cassio Cardoso Amanajás, Fulton Cardoso Amanajás, Hélio Cardoso Amanajás e Elza Cardoso Amanajás.

Em três casamentos, Hygino Amanajás teve 18 filhos, assim divididos: três filhas com sua primeira esposa, Thereza Amanajás, seis filhos com a segunda Nemezia Amanajás e nove filhos com a última esposa, Adolphina Amanajás. No entanto, perdeu dois de seus filhos, falecidos ainda crianças, um de Nemezia (Lincoln) e outro de Adolphina.

Para ilustrarmos melhor os casamentos de Hygino e os seus filhos, apresentaremos um diagrama:

Diagrama 2 – Casamentos e filhos de Hygino Amanajás



Fonte: Elaborado pelos autores, com base (SECÇÃO..., 1883, p. 2) e (CENTRO..., 1921).

HYGINO POLÍTICO, JORNALISTA E FUNCIONÁRIO PÚBLICO

Entre mudanças políticas, logo de ideais republicanos nos diversos âmbitos, inclusive para a instrução pública. Nesse cenário, entre os anos de 1870 e 1910, a cidade de Belém era o principal porto de escoamento da produção de borracha. As reformas urbanas vivenciadas pela cidade naquele momento embelezavam-na inspiradas nos modelos europeus - estilo *art nouveau*, o que a deixava na vanguarda cultural da região. Sarges (2010) afirma que

Esta nova ordem econômica propiciou a composição de uma nova elite formada por comerciantes, seringalistas, financistas, com destaque para os profissionais liberais, geralmente de famílias ricas e oriundos de universidades europeias. É este novo grupo dominante que, em nome do progresso, vai direcionar a remodelação da cidade, imprimindo-lhe o brilho da *Belle Époque*. (SARGES, 2010, p. 21).

Dentro desse contexto da *Belle Époque* e devido às limitações quanto à extensão e profundidade do artigo, optamos por agrupar em três eixos significativos os quais estavam presentes nas fontes e que dizem respeito ao nosso sujeito Hygino em três aspectos fundamentais: sua vida familiar; sua carreira como político, jornalista e funcionário público; sua ocupação como educador e autor de livros didáticos.

A construção política de Hygino Amanajás foi desenvolvida em Abaeté, pelo Coronel Caripuna durante o período imperial. Observamos que em 1871, Hygino Amanajás com seu padasto e sogro Coronel Caripuna aparecem em uma lista publicada no Jornal do Pará (GAZETILHA..., 1871, p. 1), entre os que se comprometeram a doar certa quantia em dinheiro em benefício da Biblioteca Pública de Igarapé-Mirim, promovida pelo Comendador Domingos Borges Machado Acatuassú. Com isso, além de se promover, promove também o nome do enteado e genro. De acordo com que expõe Leal (2012),

o “coronelismo” é, sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras. Não é possível, pois, compreender o

fenômeno sem referência à nossa estrutura agrária, que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil. (LEAL, 2012, p. 23).

Amanajás procurava sempre se fazer presente na elite da Freguesia de Abaeté, assim como em festividades da religião oficial da época. No ano 1876, o jornal *A Regeneração* - órgão destinado à defesa do Partido Católico - publicara a visita pastoral de uma comitiva vinda de Belém com o bispo egrégio D. Antônio de Macedo Costa e com ele os Rvds. Conego Dr. Mourão, Padres Aguiar e Perdigão, diáconos Macedo Costa Sobrinho e Viriato Pinto de Sá, e mais um seminarista. Essa comitiva chega a Abaeté às 11 horas do dia 2 de outubro, foram recepcionados pelo Vigário e seus paroquianos. Nesta visita, o cidadão Hygino Amanajás leu uma poesia e fez-se notar como representante do povo de Abaeté com um elaborado discurso reverenciando a religião católica e seus representantes eclesiásticos.

O Coronel Caripuna e Hygino Amanajás eram filiados ao partido conservador, como ficou evidente na publicação de outubro de 1876 do jornal *A Constituição* (RESULTADO..., 1876, p. 1) - do partido conservador, cujo título "Resultado da eleição da Parochia de Abaeté". Eleitores Gerais constava o nome do Coronel Antônio F. Corrêa Caripuna no começo da lista com 800 votos e, o atualmente, Tenente Hygino Antônio Cardoso Amanajás com 700 votos no nono lugar, no entanto não pudemos saber para que cargos disputavam a eleição, devido ao jornal estar danificado.

No dia 31 de janeiro de 1877, o Coronel Caripuna faleceu deixando como sua inventariante Victória Maria da Silva Brabo Caripuna. Neste mesmo ano, Hygino Amanajás estava envolto com processos decorrentes de sua função como Juiz de Paz, conforme noticiado no *Jornal do Pará* (JORNAL..., 1977, p. 2). Outro meio de ascender à política era se candidatar ao cargo de Juiz de Paz, o que segundo Rodycz

o juiz de paz típico era um homem importante em sua comunidade. Embora haja algumas diferenças entre os juizes urbanos e os rurais, sobressai o amplo prestígio dos juizes do primeiro período, contradizendo a imagem caricatural que se lhes aplicou, de um magistrado rústico e de poucas luzes. Pelo contrário, geralmente eram eleitos homens de estatura e ambição. Por isso a instituição obteve prestígio e poder, que não lhe adviriam unicamente da letra da lei. (RODYCZ, 2003, p. 24).

Hygino seguiu sendo o 1º Juiz de Paz mais votado da Paróquia de Abaeté. Mas, em 31 de outubro de 1881, sofreu um atentado, onde foram anuladas as eleições para deputados gerais em Abaeté, no mesmo dia em que sua primeira esposa, Thereza de Jesus Corrêa Amanajás faleceu em Belém. A confusão nessas eleições foi tão grande que foi noticiado em vários jornais^v. Assim, foram convocadas novas eleições que foram novamente adiadas e em dezembro concluídas. Hygino exerceu o cargo de juiz de paz até o ano de 1882.

No ano de 1883, Hygino Amanajás foi eleito vereador da Câmara Municipal de Abaeté conforme o jornal *A Constituição* (RECLAMAÇÃO, 1883, p. 1) de 29 de janeiro de 1893. No mesmo ano, o jornal *Diário de Notícias* (REVISTA..., 1883, p. 2) publicou a lista com os nomes dos candidatos a deputado eleitos pelo 1º distrito com diplomas legais. Nesta lista foi mencionada a figura de Hygino Amanajás.

Em 1886, assumiu a presidência, Cônego Siqueira Mendes, chefe do partido conservador da capital. Hygino Amanajás aparece durante esse ano oscilando entre primeiro (DIÁRIO..., 1886, p. 2) e segundo secretário (ASSEMBLÉA..., 1885, p. 2), da Câmara dos Deputados. Ainda no referido ano, Hygino apresentou emenda mudando a sede da Comarca de Igarapé-Mirim para Abaeté.

Conforme noticiou o jornal Diário de Notícias (DIÁRIO..., 1887, p. 2), no dia 16 de janeiro de 1887, foi empossada a nova Câmara Municipal de Abaeté, sendo eleito presidente o Sr. Hygino Amanajás. Em 1888, ele mandou um requerimento pedindo a construção de uma ponte em Abaeté. Demonstrou preocupação com a instrução pública no distrito de Abaeté com a criação de uma escola elementar para o sexo masculino em Matauyra.

Quando a República foi proclamada em 15 de novembro de 1889, os partidos Conservador e Liberal foram extintos, e desse modo seus membros foram incentivados a se incorporarem aos novos partidos políticos que surgiam: o Democrata e o Republicano. Hygino passou para o partido Republicano - que ia ao encontro de seus ideais até o fim de sua carreira como deputado e no seu longo percurso na política onde trabalhou em prol da melhoria de Abaeté.

Deste modo, Hygino Amanajás continuava sua carreira de deputado. Em 1895, ele foi eleito vice-presidente da Câmara de Abaeté, sendo o presidente Manuel José Fernando Carneiro. No mesmo ano, apresentou um projeto para mandar transladar os ossos de Siqueira Mendes do cemitério do Ceará e levantar um mausoléu para guardar os restos mortais desse cidadão. Foi autor do projeto de lei que denominou Carlos Gomes como Conservatório de Música do Pará. Em 03 de junho de 1898 (ANUARIO..., 1915, p. 83-84), apresentou o projeto de lei, na Câmara dos Deputados, que afirmara que a bandeira do Clube Republicano Paraense se tornasse a bandeira do Estado do Pará como prova de civismo e patriotismo.

O seu percurso como jornalista, Hygino Amanajás iniciou quando estudou no Seminário Episcopal do Pará em Belém, sendo afilhado de D. Antonio de Macedo Costa, bispo da época. Vale ressaltar que esta instituição era formadora de dirigentes paraenses. Além da sua atuação como colaborador do semanário A Estrela do Norte. Porém, de 1879 a 1880 esteve como correspondente de Abaeté para o jornal A Constituição em Belém.

O primeiro jornal de Abaeté, O Abaeteense, foi inaugurado em 15 de agosto de 1884, sendo proprietário o irmão mais novo de Hygino Amanajás, o Antônio Francisco Corrêa Caripuna (homônimo do pai), o Coronel Caripuna e como redator principal Hygino Amanajás. De acordo com o Diário Oficial do Pará (DIÁRIO..., 2009, p. 7), na edição especial de aniversário, após 10 anos na redação do O Abaeteense, Hygino Amanajás assumiu, em 1891, a administração da então Typographia do Estado. A nomeação como primeiro diretor foi noticiada no jornal Diário de Notícias (DIÁRIO..., 1891, p. 3). Sua carreira como funcionário público, não estava desligada de sua vida política, na verdade estavam entrelaçadas, pois foi chamado pelo então governador Justo Chermont^{vi} para exercer o cargo de administrador da

Typographia do Estado. Porém, quando assumiu o cargo, em março de 1891, o governador era Gentil Bittencourt^{vii}.

O cargo de diretor da Imprensa do Estado era um cargo de confiança, no qual o nomeado poderia ser substituído a qualquer momento. Notadamente Hygino Amanajás teve a confiança de pelo menos sete governadores (DIÁRIO..., 2009, p. 8) durante os 26 anos que passou no cargo, durante os governos Duarte Huet Bacellar Pinto Guedes, Lauro Sodré, José Paes de Carvalho, Augusto Montenegro, João Antônio Luis Coelho, Enéas Martins e 2º governo de Lauro Sodré. No entanto, ficou no cargo até sua aposentadoria em 26 de novembro de 1917, com 65 anos de idade.

EDUCADOR E AUTOR DE LIVROS DIDÁTICOS

A educação na vida de Hygino Amanajás estava interligada desde o início de sua carreira como homem público. Tanto que, no dia 1 de novembro de 1877, foi publicada no Jornal do Pará (JORNAL..., 1877, p. 1) uma Portaria do Presidente da Província aceitando a proposta do Diretor Geral da Instrução Pública, em ofício do dia 19 de outubro de 1877, que exonerou frei João de Santa Cruz do cargo de delegado literário da paróquia de Abaeté e nomeou para exercer o cargo o cidadão Hygino Antônio Cardoso Amanajás.

Conforme Veiga, o cargo de delegado literário fazia parte da fiscalização do ensino, sendo de confiança do governo e cuja função era

legítima na medida em que objetivava o controle sobre o desenvolvimento das aulas públicas, o cumprimento dos deveres dos professores e dos pais em dar ensino aos filhos e o provimento das necessidades das escolas. Contudo o processo de obtenção dos cargos por nomeação gerava muitos conflitos com os professores, pois vários deles faziam menção a situações de denúncias de seu trabalho ou mesmo pedido de suspensão da aula por motivo de perseguição política (VEIGA, 2008, p. 7).

Não obstante, Hygino Amanajás não demorou muito nesse cargo, pois seis meses depois foi exonerado e em seu lugar foi nomeado o cidadão João Martins Roza, conforme o Jornal do Pará (JORNAL..., 1878, p. 2).

Em 1882, o jornal Diário de Notícia (CARDOSO, 1882, p. 3) informou que Hygino Amanajás fez um comunicado à Presidência da Província referente à criação de uma escola mista para ingênuos, filhas e filhos das escravizadas, na propriedade de sua mãe, cuja escola não teria ônus para a presidência provincial do Pará.

Quanto a sua trajetória como autor de livros didáticos, Hygino não pretendia tornar-se escritor, mas escreveu com a intenção de ser útil à pátria, pois, embora outros autores que citam Hygino Amanajás ressaltem que ele escreveu vários livros, em nossa pesquisa restrita ao tempo, encontramos apenas três livros escritos por ele.

Hygino Amanajás escreveu seu primeiro livro em 01 de janeiro de 1898, intitulado *Noções de Educação Cívica* que, segundo o autor, tinha como intuito instruir os meninos com respeito aos seus deveres à pátria. Para ser mais adequado ao uso de crianças, Hygino Amanajás se propôs escrever de maneira menos rebuscada para não se tornar uma leitura enfadonha. O livro *Noções de Educação Cívica* foi aprovado unanimemente pelo Conselho Superior da Instrução Pública em sessão de 28 de fevereiro de 1898.

O segundo livro e mais famoso, *Alma e Coração*, teve sua primeira edição em 1900 e a segunda edição em 1905, com parecer aprovado pelo Conselho Superior da Instrução Pública em 02 de julho de 1900. Foi baseado no livro *Coração* de Edmondo De Amicis, de 1886, de origem italiana, muito utilizado nas escolas da época. Por este motivo, o livro, que tratava de assuntos nossos, do modo de vida da Belém moderna, foi aceito, segundo o parecer dos conselheiros, como um livro “proveitoso para a mocidade estudiosa” (AMANAJÁS, 1905, p. 5). Por esse motivo, Coelho (2011) ressalta que o livro foi escrito em formato de cartas enviadas pelo personagem Ernesto a sua mãe, no interior do Estado, na qual retratava o cotidiano como estudante, as atividades na escola e as lições, “preleções de História, Geografia e lições morais, em narrações que transmitem saberes considerados importantes para a sociedade brasileira no alvorecer do século XX” (COELHO, 2011, p. 2).

Outro livro de Hygino Amanajás escrito no ano de 1900, mas no qual o autor utilizou o pseudônimo Hygama - pois segundo o autor era uma obra de “simples passatempo” - foi *Contos e Lendas Paraenses*. A escrita foi construída de forma despretensiosa, evocando os contos e credices do povo simples do interior do Pará.

As obras didáticas de Hygino Amanajás foram produzidas e consumidas no alvorecer da Primeira República no estado do Pará. Elas se tornaram expressões de uma nova prática que se institucionalizava: o livro didático com caráter de produção local, em substituição aos livros importados utilizados nas escolas.

Hygino nos legou uma memória cultural com sua produção didática para a educação na Primeira República. Essa produção é significativa através de suas obras didáticas, nos livros *Educação Moral e Cívica*, *Alma e Coração* e *Contos e Lendas da Amazônia*. Nesses termos, falando a respeito de memória cultural, Sérgio Castanho afirma que

Essa socialização da memória, ou, correspondentemente, essa memorização do social, apresenta uma armadilha lógica, quer dizer, a correspondência não é biunívoca, mas equivocada. De fato, nem sempre a sociedade se lembra; muitas vezes a sociedade, ou melhor, sua parcela dominante, se esquece. Em regra, a voz do passado é a voz dos vitoriosos, apagando os vestígios dos vencidos. Isso porque a lógica dominante é a lógica dos dominantes. (CASTANHO, 2010, p. 58).

Desse modo de acordo com a noção de totalidade e intenção imersas na sociedade, Raymond Williams pondera que

Se a totalidade é simplesmente concreta, se é simplesmente o reconhecimento de uma grande variedade de práticas diversas e contemporâneas, [...] qualquer sociedade é um todo complexo de tais práticas, também é verdade que toda sociedade tem uma organização e uma estrutura específicas, e que os princípios dessa organização e estrutura podem ser vistos como diretamente relacionados a certas intenções sociais, pelas quais definimos a sociedade, intenções que, em toda a nossa experiência, têm sido regidas por uma classe particular (WILLIAMS, 2011 p. 50).

Hygino Amanajás estava situado no campo dos vitoriosos intelectuais, sujeitos hegemônicos, que propunham uma educação para a sociedade republicana numa perspectiva democrática. Ele constituía suas próprias contradições numa estrutura social marcadamente desigual. A respeito do significado de intelectual, Duriguetto expõe Gramsci ao afirmar que

a definição de intelectual não está inscrita nas características intrínsecas das atividades intelectuais, ou seja, nas suas qualidades específicas e, assim, nas diferenças e nos graus diversos de tal qualidade. [...] Gramsci não considera os intelectuais de maneira abstrata ou como uma casta separada, mas os apresenta como parte integrante das relações sociais, como pertencentes a uma classe social e com a função de representar os interesses dessa classe no conjunto da vida social. (DURIGUETTO, 2014, p. 284).

Ao tratarmos da formação do sujeito social Molon (2011) nos apresenta Fernando González Rey - autor contemporâneo que discutiu a questão do sujeito e da subjetividade em que difere entre o espaço social e coletivo da noção e do espaço subjetivo do sentido pessoal - o qual propôs uma elaboração teórica na qual

defende que a subjetividade está organizada por processos e configurações que se interpenetram permanentemente, estão em constante desenvolvimento e vinculados à inserção simultânea do sujeito em outro sistema igualmente complexo, que é a sociedade, dentro da qual o sujeito tem de seguir os desafios e contradições de se desenvolver através de sistemas diversos, nos quais ele não é mais que um dos elementos constituintes, sistemas que não se organizam necessariamente de acordo com as necessidades atuais de organização e desenvolvimento de sua subjetividade individual. (MOLON, 2011, p. 615-616).

Reforçando esse entendimento do jornal como uma fonte que nos traz o passado do cotidiano tanto de pessoas comuns como daquelas que se destacavam na sociedade. Vale salientar a importância de lembrar que cada publicação tem suas próprias histórias e seus próprios significados. A partir das fontes históricas analisadas, não podemos inferir se Hygino Amanajás tenha cursado o nível superior, apesar de que seu caminho nas letras foi marcado pelo jornalismo e pela produção de livros didáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida de uma pessoa não cabe em tão poucas linhas, como nos disse Borges (2008). A trajetória de vida de Hygino Amanajás iniciou enquanto era muito jovem, fazia parte das fileiras do Partido Conservador, mas logo após a Proclamação da República ingressou no Partido Republicano, abraçando os ideais propugnados pelo novo regime. Ocupou cargos importantes tanto no legislativo, no judiciário; foi vereador de Abaeté e deputado paraense; Juiz de Paz na freguesia de Abaeté. Além dos cargos eletivos, como administrador da Tipografia do Estado.

Levando-se em conta o que foi observado sobre os aspectos familiar, estes foram importantes em sua vida, pois contraiu matrimônio por três vezes, o que lhe resultou em uma prole numerosa de filhas e filhos, seja eles próprios e/ou agregados. Nessa perspectiva, inferimos que Hygino Amanajás foi chefe de clã que tinha a infância e a juventude muito próximas de si. Talvez sua incursão na produção de livros de cunho didático, que se constituíram em roteiros de moral e civismo republicanos para as escolas paraenses, fosse antes de tudo dirigidos à sua própria prole, partícipes da célula *mater* da sociedade republicana.

Diante desse panorama, podemos concluir que Hygino Amanajás, como sujeito pertencente ao grupo dirigente, foi um sujeito influente em seu tempo, intelectual orgânico que contribuiu significativamente para educação paraense na Primeira República por meio da sua atuação política, social e pelos seus escritos, representou a paixão e o ufanismo pela pátria num país que buscava no alvorecer da República.

REFERÊNCIAS

A ELEIÇÃO em Abaeté. *Diario de Noticias*, n. 285, 17 dez. 1881, p. 2.

ALMANACH do Pará. *Guarda Nacional*, 1879, p. 268.

AMANAJÁS, H. (1898). *Noções de educação cívica*. Belém, PA: Typographia do Diario Official.

AMANAJÁS, H. *Alma e Coração*. Belém: Imprensa Oficial, 5. ed., 1905.

ÂNGELO, H. B. P. *O Longo Caminho dos Corrêa de Miranda no Século XIX: Um estudo sobre família, poder e economia*. 2012. 180f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas Departamento de História, Universidade Federal do Pará. Belém. 2012.

ANNUARIO de Belém. *A bandeira do estado do Pará*. 1915, p. 83-84.

ANNUARIO de Belém. *Parecer*. 1915, p. 86.

ASSEMBLÉA Provincial. *Diario de Noticias*, n. 68, 25 mar 1885, p. 2.

ASSUMPTOS do dia – as eleições. *Gazeta De Noticias*, n. 225, 03 nov. 1881, p. 1.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdos*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORGES, V. P. Grandezas e Misérias da Biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 203-233.

BRAGA, Theodoro. *Apostilas de História do Pará*. Belém: Imprensa Oficial, 1917.

CARDOSO J. *Ao Abraham Rocambole*. *Diario de Noticias*, n. 243, 28 out. 1882, p. 3.

CARDOSO, W. C. R. Literatura Cívico Patriótica: República, Educação e Manuais Didáticos no Pará Republicano (1900-1920). In: *Anais do SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 28, 2015, Florianópolis.

CASTANHO, S. *Teoria da Histórias e História da Educação: por uma história cultural não culturalista*. Campinas: Autores Associados, 2010.

CENTRO de Memória da Amazônia. *Testamento de Hygino Antonio Cardoso Amanajás* – Tribunal de Justiça do Estado do Pará – 11ª Vara Cível - Cartório Fabiliano Lobato, 1921.

COELHO, M. O. Um livro proveitoso para a mocidade estudiosa da Belém do Pará no começo do século XX: alma e coração. In *Anais do 6º CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 2011, Vitória.

DAMASCENO, R. A. de F.; SANTOS, E. M. N. dos; ALMEIDA K. N. C. de. Povo Civilizado e Cidadãos de um País Livre: república, educação e cidadania nas prescrições didático-cívicas de Hygino Amanajás. *Revista Brasileira de História da Educação*, v.18, n.48, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/pYDSk6kZYLrQkvBFFGtVQFM/?format=pdf>. Acesso em 16 ago. 2022.

DESPACHOS. *Treze de Maio*, n. 56, 27 jul. 1861, p. 2.

DIARIO de Noticias. *Diario de Noticias*, n. 66, 24 mar. 1886, p. 2.

DIARIO de Noticias. *Diario de Noticias*, n. 12, 16 jan. 1887, p. 2.

DIARIO de Noticias. *Diario de Noticias*, n. 51, 07 mar. 1891, p. 3

DIARIO Oficial do Pará. *Edição especial aniversário 118 anos*. Belém, 2009, p. 7. Disponível em: <https://fauufpa.files.wordpress.com/2010/09/diario-oficial-aniversario.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2019.

DUARTE, R. D. *A ordem de educar meninos na Amazônia paraense: uma análise discursiva da obra 'Compendio de Civilidade Cristã', de Dom Macedo Costa (1880 a 1915)*. 2015. 273f. Tese (Doutorado em Educação) - Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará. Belém. 2015.

DURIGUETTO, M. L. A questão dos intelectuais em Gramsci. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 118, p. 265-293, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/4XHZSCstQ7SFCNnM7qZmHds/?format=pdf>. Acesso em 22 set 2023.

ENTERRO de d. Nemezia Amanajás. *O Pará*, n. 143, 22 mai 1898, p. 2.

ESCOLAS do interior. *Diario de Belém*, n. 58, 14 mar. 1886, p. 3.

EXPEDIENTE do Governo. *Jornal do Pará*, n. 264, 19 nov. 1868, p. 1.

EXPEDIENTE do Governo. *A Constituição*, n. 63, 21 mar. 1886, p. 2.

FIGUEIREDO, A. M. Páginas Antigas: uma introdução à leitura dos jornais paraenses, 1822-1922. *Revista Margens Interdisciplinares*, Belém, v. 2, n. 3, p. 245-266. 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v2i3.3040>. Acesso em 12 nov. 2022.

GAZETILHA - Subscrição. *Jornal do Pará*, n. 60, 16 mar. 1871, p. 1.

GRAMMATICA Fraceza. *A Estrella do Norte*, n. 46, 1864, p. 366-367.

HYGAMA. *Contos e Lendas Paraenses*. Belém: J. B. dos Santos & Cia, 1900.

JORNAL do Pará. *Jornal do Pará*, n. 99, 08 mai. 1877, p. 2.

JORNAL do Pará. *Jornal do Pará*, n. 249, 01 nov. 1877, p. 1.

JORNAL do Pará. *Jornal do Pará*, n. 97, 30 abr. 1878, p. 2.

LEAL, V. N. *Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MACIEL, F. I. P.; ROCHA, K. G. H. Hygino Amanajás e sua produção de livros de leituras escolares para o Ensino Primário: fragmentos da história da leitura no Pará. *Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo*, Campinas, v. 1, n. 1, p. 48-67, jul./dez. 2015. DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v1i1.9228. Acesso em 07 out. 2022

MOLON, S. I. Notas Sobre Constituição do Sujeito, Subjetividade e Linguagem. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 4, p. 613-622, out./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/CTvCMKmmrhks6GkZmdRM5tm/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 05 set. 2023.

ÓBITO. *A Constituição*, n. 244, 02 nov. 1881, p. 1.

OBITUÁRIO. *Diario de Noticias*, n. 248, 01 nov. 1881, p. 1.

O QUE vai por abaeté. *O Monte-Alegrense*, n. 7, 23 ago 1885, p. 2.

RECLAMAÇÃO. *A Constituição*, n. 26, 29 jan. 1883, p. 1.

RESULTADO da eleição da Parochia de Abaeté. *A Constituição*, n. 229, 11 out. 1876, p. 1.

RESULTADO dos exames geraes do Seminario Episcopal do Pará, anno lectivo de 1864. *A Estrella do Norte*, 1864, p. 6-7.

REVISTA Jornalística – Constituição. *Diario de Noticias*, n. 293, 23 dez. 1883, p. 2.

RODYCZ W. C. O Juiz de Paz Imperial: uma experiência de magistratura leiga e eletiva no Brasil. *Revista Justiça & História*, porto Alegre, v. 3, n. 5, 2003. Disponível em: <http://bdjur.stj.jus.br/dspace/handle/2011/66134>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SARGES, M. de N. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-tatu, 3 ed. 2010.

SCENA de Cabanagem. *A Constituição*, n. 244, 02 nov. 1881, p. 1.

SILVA, K. K. de J. História e Biografia: uma discussão sobre possibilidades. *Boletim Historiar*, [S. l.], n. 20, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/7385>. Acesso em: 10 ago. 2023.

SECÇÃO fúnebre. *O Democrata*, n. 182, 13 ago. 1893, p. 2.

SOLICITADOS. *Diario de Noticias*, n. 250, 04 nov. 1881, p. 1.

VEIGA, C. G. O Processo Escolarizador da Infância em Minas Gerais (1835-1906): geração, gênero, classe social e etnia. In *Anais do 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, 2008, Rio de Janeiro.

WILLIAMS, R. (1980) *Cultura e Materialismo*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora UNESP. 2011.

ⁱ Sobre o pai de Hygino, não conseguimos notícias consistentes, pois dos 26 jornais analisados somente em dois jornais encontramos referências que dizem respeito a ele.

ⁱⁱ Periódico de caráter religioso, durante o período 1863-1869.

ⁱⁱⁱ Em 1864, primeiro ano do ensino secundário (GRAMMATICA..., 1864, p. 366-367).

^{iv} Fonte localizada no Centro de Memória da Amazônia. *Testamento de Hygino Antonio Cardoso Amanajás* – Tribunal de Justiça do Estado do Pará – 11ª Vara Cível - Cartório Fabiliano Lobato, 1921.

^v A Constituição (SCENA..., 1881, p. 1), Gazeta de Notícias (ASSUMPTOS..., 1881, p. 1), Diário de Notícias (A ELEIÇÃO..., 1881, p. 2).

^{vi} (PMB – 17/12/1889 a 07/02/1891).

^{vii} (PRF – 07/02/1891 a 25/03/1891).

Recebido em: 10.01.2024

Aprovado em 10.04.2024